



A Bissexualidade Como Incógnita e Fragmentação Normativa Ligada a Dicotomia Hétero/Homo: Cartografando Produções em Ciências Humanas e Sociais

Isaura Caroline Abrantes Silva¹, Francisco Francinete Leite Junior²

Resumo: O presente artigo pretende investigar as percepções de vivências do corpo, do gênero e da sexualidade em indivíduos bissexuais, através de uma revisão sistemática da literatura, recorrendo a uma pesquisa de cunho qualitativo. A partir disso, se vislumbra diversas reflexões acerca da orientação sexual denominada bissexualidade. Entretanto, há uma escassez de pesquisas científicas que retratem a bissexualidade de forma protagonista entre as ditas “minorias sexuais”, dada a escassez de produções, pois poucos autores têm se debruçado sobre esse estudo de forma crítica, retratando a bissexualidade como uma forma de expressão legitimada e genuína de atração e de desejo. Destarte, é possível enxergar a bissexualidade como desvelamento de uma realidade múltipla, pois é capaz de implodir a binaridade heterossexual/homossexual, sendo uma fronteira sexual que subverte padrões normativos. Sublinha-se a necessidade de vislumbrar a bissexualidade através de uma óptica em que seja primordial a problematização das representações sociais e dos estereótipos acerca dos bissexuais, como os relacionados a denominação de “fase” a essa orientação sexual, a autoidentificação como forma de fuga a homoafetividade e a ligação com a promiscuidade, visualizando esses preconceitos e discriminações bifóbicas como fonte de sofrimento.

Palavras-chave: Bissexualidade; Revisão Sistemática da Literatura; Corpo; Gênero; Sexualidade.

Bisexuality as Uncommanded and Normative Fragmentation Connected to the Dichotomy Hetero / Homo: Mapping Productions in Human and Social Sciences

Abstract: This article aims to investigate the perceptions of experiences of the body, gender and sexuality in bisexual individuals, through a systematic review of the literature, using a qualitative research. From this, it is possible to glimpse several reflections about the sexual orientation called bissexuality. However, there is a scarcity of scientific research that portrays bissexuality in a leading way among the so-called “sexual minorities”, given the scarcity of productions, as few authors have critically studied this study, portraying bissexuality as a form of expression legitimate and genuine attraction and desire. Thus, it is possible to see bissexuality as unveiling a multiple reality, as it is capable of imploding heterosexual / homosexual binarity, being a sexual frontier that subverts normative standards. It underlines the need to envision bissexuality through an optics in which the problematization of social representations and stereotypes about bisexuals is paramount, such as those related to the term “phase” to this sexual orientation, self-identification as a way of escaping homoaffectiveness and the connection with promiscuity, viewing these prejudices and biphobic discrimination as a source of suffering.

Keywords: Bissexuality; Systematic Literature Review; Body; Genre; Sexuality.

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Pós-graduada em Saúde Coletiva (CGESP). Gestalt-terapeuta. isauracaroline@hotmail.com;

² Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco (UNICAP) Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS), possui Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (KURIUS), História Social (URCA), Gestão Escolar (FJN) e Metodologia do Ensino Fundamental (FJN). Docente do Curso de Psicologia Centro Universitário Dr. Leão Sampaio- UNILEÃO. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio- UNILEÃO professor.juniorlinhares@gmail.com.

Introdução: A Estabilidade da Instabilidade

A pesquisa em questão foi suscitada a partir de problematizações trazidas pelas discussões realizadas por alunos do curso de Psicologia, no Centro Universitário Leão Sampaio, vinculada ao Projeto de Iniciação Científica que tem como tema “Corpo, Gênero e Sexualidade: Cartografando Modos de Vida LGBTTs na Região Cariense”. Nas discussões do projeto citado anteriormente, pensou-se nas identidades comumente identificadas por essas letras que representam lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos movimentos sociais para a busca de direitos e conquistas. Visando uma melhor otimização de pesquisa, cada membro do grupo ficou incumbido de refletir mais profundamente sobre uma das identidades sexuais e de gênero através de uma revisão sistemática. Diante disso, esse artigo dedica-se as discussões em torno da bissexualidade.

Compreende-se por bissexualidade a atração do indivíduo por ambos os sexos, desejando e/ou relacionando-se de forma simultânea ou sucessiva, percebendo nisso a possibilidade de realização do desejo. Pelo caráter de ambivalência apresentando, essa orientação sexual é vista como polêmica e controversa, em razão das categorizações de identidade sexual serem primordialmente construídas apenas quando inseridas na polaridade heterossexual/homossexual (CAVALCANTI, 2007).

Conforme Butler (2003), transgredir as normas de um papel rígido de sexualidade e lidar com a possibilidade de pluralizar o alvo de desejo tem sido alvo de constantes discordâncias. De acordo com Lewis (2012), as pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente são marginalizadas e discriminadas tanto pelas identidades homossexuais como pelas identidades heterossexuais, pois os bissexuais não se enquadram nessas duas categorias predominantes.

Ademais, veremos que a bissexualidade é mencionada de forma superficial nos trabalhos acadêmicos, e na maioria das vezes é trazida como identidade submissa e desvalorizada em comparativo a homossexual. Apresenta-se de modo fundamental, a importância sócio-histórico-cultural ligada ao estudo da bissexualidade, visando preencher as lacunas acadêmicas e tratar de um tema muitas vezes exilado, buscando entender como essa forma de afetividade se configura relações sociais e substancialmente como os indivíduos bissexuais são simbolizados nas produções científicas.

Para a ciência psicológica, torna-se essencial compreender de que forma a subjetividade humana é construída a partir da relação com três dimensões: o corpo, o gênero e a sexualidade.

Mais especificamente, esse trabalho alça mostrar quão importante é analisar a bissexualidade embrincada aos três fatores citados anteriormente para além de classificações bem definidas e estáticas. O aprofundamento do estudo sobre o fenômeno bissexual também se orienta como inquietação advinda das discussões acadêmicas sobre diversidade sexual e dos movimentos feministas.

Refletindo sobre as relações sociais cotidianas se percebe que os bissexuais poucas vezes são lembrados como dotados de uma sexualidade genuinamente válida, e que a atração por ambos os sexos é vislumbrada como indecisão de acordo com as representações sociais contemporâneas da imposição de uma delimitação fixa e bem delimitada de um objeto de desejo. Diante disso, o objetivo da pesquisa consiste em visualizar como as produções científicas retratam a bissexualidade e de como essa identidade se relaciona com a tríade vivencial corpo-gênero-sexualidade.

Aspectos Metodológicos

O estudo constitui-se tendo como a base a estrutura metodológica da revisão sistemática, possuindo caráter qualitativo, exploratório e descritivo. Conforme Cordeiro *et. al.* (2007), a pesquisa realizada a partir da revisão sistemática aplica-se como uma metodologia rigorosa de investigação científica que tem por objetivo reunir, avaliar criticamente e conduzir uma síntese dos resultados de abundantes estudos primários. Ademais, outra especificidade dessa revisão refere-se ao objetivo de responder a uma pergunta claramente formulada pelo pesquisador ou pesquisadora, em que é identificado, selecionado e avaliado pesquisas relevantes para o tema que pretende abordar.

A pesquisa qualitativa de acordo com Flick (2009), retrata a apropriação de métodos e teorias, havendo uma reflexão do pesquisador sobre o que é percebido, utilizando-se das interações sociais e de aspectos não-objetivos para privilegiar estudos que buscam reverberar composições cotidianas, em que é reconhecido um valor substancial a subjetividade. O estudo também se caracteriza por ser denominado como “estado da arte” ou “estado do conhecimento” buscando esquadrihar as diversas formas de produções científicas que envolvessem a bissexualidade. Assim, inserida em um contexto bibliográfico, segundo Ferreira (2002), as pesquisas que se embasam nessa metodológica trazem como fator desafiante, o mapeamento das produções científicas em campos de conhecimento divergentes, buscando apreender e

desvelar as dimensões enfatizadas e privilegiadas em diferentes épocas e contextos socioculturais.

A coleta de dados configurou-se em três bases de dados, em razão do pequeno número de trabalhos voltados para o fenômeno da bissexualidade. Os termos utilizados foram “bissexualidade” e “bissexual”, na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) apresentaram-se 49 resultados, em que 3 foram escolhidos. Em relação ao Periódicos da CAPES, de 10 textos científicos, somente 3 foram escolhidos. No Google Acadêmico, apresentou-se um grande número de textos acadêmicos, no total 3640 resultados mas, foram escolhidos apenas 10.

A partir desses escritos, foram formulados critérios de exclusão para realizar a seleção de textos e um aprofundamento em artigos condizentes com o tema pros artigos científicos foram discriminados primeiramente de acordo com o título dos textos que apresentavam, posteriormente com a leitura dos resumos. Os critérios de seleção em relação ao conteúdo visto relacionaram-se a uma enorme quantidade de artigos científicos que abordaram a bissexualidade apenas no título dos trabalhos acadêmicos. Ainda assim, os que abordavam a bissexualidade em seus textos, discute-se a bissexualidade apenas como complemento na sopa de Letrinhas LGBTTs, apresentando pouca ou nenhuma reflexão acerca dessa construção identitária, ou em uma perspectiva biologizante, havendo atribuição determinista das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) a pessoas bissexuais.

Os textos que foram escolhidos para o estudo da bissexualidade voltado para o âmbito das Ciências Humanas, visualizar-se-á na análise dos escritos que esses recorrem à busca de encontrar uma causa definitiva para que o indivíduo seja bissexual, em grande parte das vezes atribuindo valor de invalidez para essa identidade sexual, referindo-se a essa como fase, promiscuidade ou falácia.

Por fins didáticos e logísticos, a fim de uma boa organização e gerenciamento da pesquisa, agruparam-se os dados em uma tabela com as seguintes colunas: autor, título, ano, periódico, local, tipo de documento, objetivo, metodologia, principais conceitos, referencial teórico e principal referência. Perceptível na sistematização dos dados o fato de que quando a bissexualidade não é totalmente esquecida, é mencionada apenas como complemento para a sopa de letrinhas (LGBTT) que há nos textos, mas não problematizada, analisada, questionada e refletida. Portanto, tendo como referência os principais conceitos e os referenciais teóricos, foram agrupados em subcategorias para facilitar o entendimento e concatenar as ideias coletadas no movimento cartográfico pela busca de autores que tratassem do tema.

Fundamentação Teórica

Realizar uma fundamentação teórica sobre a tríade de conceitos contemporâneos corpo-gênero-sexualidade exige da pesquisadora, uma sensibilização quanto ao entendimento desse conjunto como amplificador da subjetividade dos indivíduos, e não um entendimento reducionista por meio de ideais estáveis e acabadas em si mesmas. Destarte, os conceitos que serão apresentados partem de uma reflexão sobre o que se entende por essas concepções, afirmando-se previamente que há diversas visões sobre os três vocábulos. Entretanto, buscou-se recorrer a alguns autores que se debruçaram por tais temas e que enxergam a amplitude da expressividade humana em suas teorias.

A teoria foucaultiana esclarece que não há uma definição fixa no que se venha a afirmar-se como sendo corpo e sexualidade. A percepção trazida é que os corpos dos sujeitos estão envoltos pelo biopoder, conceito desenvolvido pelo autor para designar técnicas e práticas dada a disciplinarização dos corpos. Michel Foucault (2014, p. 151-152) ressalta que “este biopoder, sem a menor dúvida, foi um elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo [...] o investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento.” Esse poder sobre o corpóreo implica na produção de discursos de verdade que legitimam ou deslegitimam não somente a apresentação do que é materializável, mas a subjetividade dos sujeitos.

Dessa forma, na concepção de Louro (2000, p.8) “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar”. Por conseguinte, entende-se que o corpo é vivenciado universalmente da mesma maneira por homens e mulheres e que a sexualidade seria um processo natural, decorrente da aceitação da sexualidade mediante o que o corpo do indivíduo determina. Segundo a mesma autora, essa posição apresenta lampejos da heteronormatividade, uma postura rotulatória que marginaliza quaisquer indivíduos que violam a norma heterossexual, em que o sexo do indivíduo determina necessariamente sua orientação sexual dada a um sexo oposto ao seu. Em contraponto a isso, tenciona-se as possibilidades de transformação do corpo que desestabilizam a constância de mensurações imutáveis, ampliando espaço para subversão das formas de amar, nascer e crescer.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes

é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. (LOURO, 2000, p.8)

Assim, fatores anatômicos não precisam ser definidores do destino do sujeito, uma vez que as possibilidades de transgressão conseguem desestabilizar verdades absolutas. Dessa forma, as muitas maneiras de se realizar corporalmente como homem, mulher, como os dois ou como nenhum dos dois são sempre anunciadas socialmente, onde podem ser aceitas, condenadas, repudiadas, vangloriadas, negadas ou reguladas. Fazendo-se assim com que percebamos que conforme Louro (2000, p. 33) “é através do corpo que experimentamos tanto o prazer quanto a dor.” Pode-se perceber o corpo como construção sociocultural, atribuída de sentidos e significados dados ao sujeito, deixando de ser algo meramente biológico e intransponível.

Partindo-se para a discussão do âmbito da sexualidade, é necessário que consigamos diferenciá-la do sexo, aquilo que vem a se remeter especificamente a genitália do indivíduo, pênis e vagina. Muito além de fatores meramente anatômicos, Louro (2000) afirma que a sexualidade seria um dispositivo eminentemente social e historicizado que envolve uma rede complexa de fatores culturais, sociais, coletivos e individuais expressando-se através da linguagem, das representações sociais e dos símbolos elaborados nas conjunturas sociais, fazendo-se como um processo extremamente plural. Na visão de Foucault, a sexualidade refere-se a um emaranhado construído do “sexo-histórico, ao sexo-significação, ao sexo-discurso” (2014, p.86).

Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente ‘natural’ nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 33)

A vista disso, se acentua a indissociabilidade das facetas do gênero, do corpo e da sexualidade no fortalecimento de identidades. Por identidade não se entende uma unidade estagnada, visto que se compreendem os seres humanos como dotados de individualidade, Louro (2000, p.24) acentua que as identidades como “plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo, ser contraditórias.” Frisando também que a identidade sexual e a identidade de gênero se conectam em um processo

de contínua construção, sendo instáveis e concomitantemente suscetíveis a transformação e ressignificação a qualquer momento da vida.

De acordo com Meyer (1997) gênero é um termo que surge no ano 1968 por intermédio das feministas anglo-saxãs, quando o termo *gender* é proposta para ser utilizada como instrumento político. Por meio do gênero, ocorreria a rejeição pelo determinismo biologizante, onde sexo e gênero passaram a ser vistos distintivamente. Sendo configurado como uma conjuntura histórica do biológico, o propósito foi incluir o debate no campo social e combater as ideologias patriarcais e sistemas regressistas que vigoravam e impediam as mulheres de serem vistas na qualidade de sujeito da sociedade.

A identidade de gênero seria então uma representação social que se dirige aos corpos, tratando-se de um conceito que exige uma forma de pensamento múltipla, visto que as representações masculinizadas e feminilizadas são plurais. Os papéis sociais seriam construídos por essa relação com o gênero, se caracterizando pelas vestimentas, modos de se direcionar diante da sociedade, sendo assim uma forma de apresentação diante do meio sociocultural (MEYER, 1997).

Por outro lado, a filósofa contemporânea Judith Butler (2013) subverte os estudos feministas a respeito do corpo, gênero e sexo, ao tratar deles como atos performativos. A performatividade seria um construto de atuações, gestos e desejos que produzem efeitos, uma forma de mostrar-se ao mundo, entendidos em termos gerais quanto ações performativas, tangendo a essência e a identidade que pretendem expressar mediante fabricações elaboradas e sustentadas por artifícios discursivos como signos e símbolos corpóreos.

Conforme Butler (2013), o gênero seria então uma espécie de devir, estando submetida a um processo de ressignificação contínua por parte de quem vivencia-o. Além disso, radicaliza o entendimento de gênero e sexo nos movimentos feministas como uma faceta biológica e outra cultural respectivamente, dotando as duas entidades de uma significação cultural, começando a questionar toda e qualquer binaridade e dualidade imposta aos seres humanos.

O gênero não deve ser meramente percebido como a inscrição cultural de significado um sexo previamente dado [...] resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2013, p. 25)

Os sujeitos formados por agrupamentos biossocioculturais se vêem forçados a delimitarem um sexo, um gênero e uma orientação sexual bem estabelecida frequentemente

entre os polos ativo/passivo, homem/mulher, homo/hetero, onde o espaço para mudança e transitoriedade não é acolhido. Consonante a Laurentis (1994, p.6), “as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero.”

Com a polaridade das identidades em homo e heterossexual, outras práticas foram se tornando invisíveis, ou mesmo, inconsistentes na lógica de representação ‘identitária’. Outro ponto importante é a necessidade que temos em manter a coerência entre o sexo, gênero e desejo, isto é, a cada atribuição – masculina e feminina – é esperada uma personalidade e um objeto de desejo sexual. Nessa lógica de representação, que claro, nem sempre condiz à realidade, a bissexualidade fica irrepresentável, e assim inteligível aos olhos de muita gente que acredita na irredutibilidade da sexualidade, do sexo e do gênero. Assim, as práticas bissexuais acabam se marginalizando e o preconceito só aumenta a dificuldade delas se assumirem como práticas legítimas. (CAVALCANTI, 2010, p. 80-81)

Logo, se constata o quanto é fundamental entender que também a bissexualidade é perpassada pelos âmbitos de gênero, corpóreos e sexuais. Porém, isso não significa que a população bissexual precisa obrigatoriamente se posicionar quanto aos âmbitos sexo-gênero. Assim, não devemos falar de uma vivência da bissexualidade mas em bissexualidades, visto que não há um corpo e um gênero específico que identifique essa orientação sexual. Somente admitindo a pluralidade humana é plausível visualizar que os corpos trazem uma carga afetivo, são mobilizados e transformados incansavelmente e que podem representar múltiplos significantes perante ao próprio indivíduo e aos outros. Vale ressaltar que todas as identidades sexuais, incluindo gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, queers e mesmo as titulações identificatórias que não foram citadas aqui, são compostas por sujeitos que necessitam serem respeitados, visualizados como dignos de direitos, e vistos como seres únicos e inigualáveis.

Resultados e Discussões

A partir da seleção dos artigos científicos através dos procedimentos explicitados anteriormente através dos aspectos metodológicos e de como os autores tratavam do fenômeno da bissexualidade por meio de diferentes perspectivas apresentadas no decorrer da leitura dos textos, foi necessário, agrupá-los em enfoques diferentes. Portanto, consistindo em quatro enfoques: visão histórica, ligação a promiscuidade, enfoques psicanalíticos, viés pós-estruturalista e teoria *queer*.

Conhecida como uma das formas de expressão da sexualidade humana, a bissexualidade pode ser considerada como uma orientação sexual em que mantem-se relações sexuais com uma pessoa do mesmo sexo e com uma pessoa do sexo oposto, relacionamentos esses que podem ser mantidos simultaneamente ou em tempos divergentes. Com tais características, existem dois tipos predominantes de bissexualidade: a simultânea, havendo um período específico com outrem do mesmo sexo e mais adiante com uma pessoa de um sexo oposto, e a simultânea, em que ocorrem envolvimento afetivos heterossexuais e homossexuais concomitantemente (PAVONI, 2015).

Logo, analisa-se artigos científicos que analisam as tendências bi à luz de vários enfoques como o histórico, o psicanalítico, a incidência de DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), os estudos *queer* e o pós-estruturalismo, trazendo um caráter subversivo da mulher ou do homem bissexual, uma vez que compreende uma apresentação multifacetada da construção desses indivíduos, entendendo-os como denominação provocativa e perturbadora por trazer a tona a instabilidade de um padrão eminentemente rígido, enxergando também como esse processo de deslegitimação da bissexualidade nas relações cotidianas constrói comportamentos bifóbicos.

Visão histórica

Ao falar em história da bissexualidade, geralmente recorda-se do homoerotismo na Grécia Antiga. De acordo com Corino (2006), o caráter homoerótico dos gregos se remetia a um intuito mais pedagógico do que sexual, mesmo assim a ideologia cristã ofuscou esse âmbito da história para enfatizar uma visão de lugar de orgias e sodomias. A palavra bissexualidade nessa época seria definida como amor simultâneo a um jovem e a uma jovem, tendo em vista o enlace matrimonial com uma mulher e relações homoafetivas com homens.

Conforme Corino (2006), a sociedade regra era bissexual em razão da exigência feita aos homens por obterem experiências bissexuais: exerceriam atividades sexuais com outros homens obrigatoriamente para finalidades educativas em uma relação denominada *paidierastia*, amor aos homens, mas também eram impelidos a se casarem com mulheres, havendo uma repressão dos homens tidos como afeminados e uma cobrança contínua a demonstração de virilidade. Por outro lado, o papel das mulheres se referia exclusivamente à procriação, pois essa ocupava o lugar de sujeito político, sendo aquele capaz de transmitir saber a outros Tendo

em vista o papel submisso dado a mulher e conseqüentemente a seres que se assemelhassem a sujeitos do gênero feminino, as relações entre homens seguiam normas e regras explícitas. A importância dos relacionamentos sexuais entre homens eram justificados de maneiras diferentes em Esparta e Atenas, na primeira cidade-pólis, significava a simbolização da coesão e da união entre o grupo de militares, guerreiros espartanos, por outro lado, ao alcançar um grande desenvolvimento econômico e intelectual, sendo contemporaneamente lembrada pelo exercício político, as noites de Atenas eram marcadas por prostituições femininas e masculinas (CORINO, 2006).

As leis atenienses segundo Corino (2006), negavam que homens em lugar de prostituição ocupassem cargos públicos, vendo-os como indignos por venderem seus corpos. O sexo entre homens da mesma idade era visto como antinatural e repudiado, significando que um desses teria que ser passivo, deixando o lugar de cidadão que requeria do homem uma posição ativa. Destarte, necessariamente haveria de ter um homem mais velho, um amante (erastes) e um jovem, o ser amado (eromanes), para que assim pudesse ser repassado o conhecimento. Ao discorrer primordialmente sobre as relações homoafetivas na cultura grega, a bissexualidade é posta de segundo plano, sendo destacada como via aceita de sexualidade, por consequência de uma cultura que exigia a relação entre ambos os sexos aos homens, mas eminentemente patriarcalista que reeprendia comportamentos ligados exclusivamente ao amor entre dois homens, onde o prazer feminino, as relações sexuais entre mulheres e a posição dessa como sujeito ativo são desconsideradas.

Representação social dos bissexuais ligada à promiscuidade

A perspectiva do bissexual como promíscuo perpetuou até a modernidade, inclusive quando se tratou de aproximá-lo ao grupo de risco para doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), conjuntamente a população homossexual. Consonante a isso, Morogi (2004) afirma que a Teoria das Representações Sociais criada por Sergi Moscovici, auxila no entendimento sobre esse movimento histórico e dialético da atribuição de propriedades e marcas a um grupo, em que a sociedade é capaz de erguer estereótipos.

Constatou-se isso em Zago e Santos (2013), onde se tenta dirigir o texto assemelhando um modo preventivo dirigido na saúde pública, o conceito de *empowerment* desenvolvido por agências que exercem governabilidade sobre os sujeitos dotando-os de pequenas autonomias

controladas no que diz respeito a sexualidade. Nesse sentido, mesmo havendo um arcabouço teórico filosófico pautados em teorias foucaultianas, o foco se encontra diretamente na aplicabilidade dessa à saúde, negando uma reflexão a respeito dos bissexuais, apenas atribuindo aos bis uma maior probabilidade de adquirir a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e os colocando em posição de pessoas controláveis, que devem ter sua saúde monitorada, mediante ao perverso sistema de falsa autonomia. A colocação de que os bissexuais são um grupo de risco na contração de DSTs, os interliga diretamente a representação social de promiscuidade.

De acordo com Sergi Moscovici (1978), as representações sociais são conceitos formados de maneira coletiva pelo senso comum nas relações de cotidiano sobre determinado fenômeno. Dessa forma, o termo “promiscuidade” segundo o Dicionário Aurélio, Ferreira (2010) afirma que é direcionado a qualidade dada a pessoas promíscuas, a confusão e a desordem violando considerações morais por meio da atividade de se relacionar com muitos parceiros sexuais, chegando até mesmo a designar o agrupamento confuso de indivíduos predominantemente de baixa classe. Logo, quando essa definição etiológica e formal da palavra é vislumbrada também no uso coloquial do termo, em que esses significados se tornam símbolos capazes de perpetuar a marginalização e servir como justificativa para a discriminação de bissexuais.

Enfoque psicanalítico

Outro viés que apresenta um considerável número de pesquisas relacionadas ao tema em questão alude às teorias psicanalíticas. Segundo Daniel Delouya (2003), a bissexualidade seria o eixo da escuta psicanalítica e os psicanalistas devem explorar esse fenômeno desde a tenra infância, lugar em que a sexualidade é ambivalente, visto que há amor e ódio aos progenitores em uma relação pautada na sexualidade, onde o processamento bissexual é o que vem a fazer nascer o sentimento social e de introjeção da lei advinda do pai morto. A elaboração da bissexualidade seria crucial para a resolução do complexo de Édipo, ocorrendo sua dissolução e formando a instância psíquica denominada superego.

A Psicanálise para esse autor considera que a escolha de um objeto, tal como ocorre na infância e nas primeiras civilizações é uma imposição social ao sujeito do inconsciente. A variabilidade do objeto sexual é negada pelo conceito chamado de perversão polimorfa, tratando da bissexualidade como constituinte da sexualidade infantil. Esse brincar com uma

sexualidade polimorfa, é vista com repúdio pelos adultos quando os sujeitos bissexuais na fase adulta, pois admite-se que na vida ocorra: recalçamento, sublimação, além de sua reordenação e organização na dita sexualidade genital do adulto (DELOUYA, 2003).

Semelhante às ideias desse autor, Monteiro e Silva (2011), tratam da bissexualidade como forma de ambiguidade diante da transferência, havendo uma ilusão bissexual. Descreve que após Sigmund Freud, a sexualidade passa a ser vista como híbrida, complexa e multifacetada, dando ênfase subversiva ao perverso polimorfo, condição a que a criança encontra-se sujeita, dotando de um caráter plástico e anárquico a experiência sexual e não tem como finalidade o prazer genital. Como particularidade do texto da autora, descreve que “o psiquismo estará desde sempre, portanto, ancorado na história desse corpo infantil, e o sentir e o pensar estarão sempre enraizados.” (p.176)

Ainda assim Monteiro e Silva (2011, p.180) postula sobre o bissexual um caráter ambíguo quando diz que esse estará infatigavelmente sempre “com um pé dentro e outro fora, não define a sua posição frente ao próprio desejo, pois implicaria o reconhecimento de algo que lhe falta, algo que presentifique-se no outro externo e diferente de si mesmo”. Em contrapartida, Teresa Rocha Leite Haundeschild (2008), também pautando seu referencial teórico no arcabouço psicanalítico, pontua que a bissexualidade seria a união entre masculino-feminino em múltiplo modo psico-corporal-sexual. Na sua visão, ela se constituiria pela bissexualidade psíquica primária e secundária.

A vertente primária se refere a quando a criança opera como objeto de desejo nas fantasias inconscientes e conscientes de um casal mesmo antes de seu nascimento com um determinado sexo, mas ao nascer é remetido ao sujeito sexual um novo sexo e gênero. Sob outra vertente constituinte, o aspecto secundário se refere ao psiquismo da criança de qualquer sexo sendo relativa aos sentimentos edípicos, isto é, as paixões e as rivalidades fundadas pelos ímãs parentais e a relações simbólicas. (HAUNDESCHILD, 2008)

No entanto, apresentando um prisma bem diferenciado em comparação as produções já apresentadas, a psicanalista Monique David-Ménard (2014), demonstra outro olhar sobre o tema, em que há um comparativo entre as visões de Fliess, que estabelece a bissexualidade como a natureza biologicamente determinada e universal de dois sexos de forma embriológica, e Freud que a enxergou como substância inconsciente, demonstrando que na teoria psicanalítica não há uma elaboração simplista do sexo, em que um sexo exerceria predomínio sobre outro. Aborda-se assim que “a bissexualidade é a presença recalçada do outro em si” (MÉNARD, 2014, p.65).

A autora evidencia também que a psicanálise contemporânea coloca como evidencia que todos os sujeitos desejantes estariam envolvidos diretamente com a bissexualidade. De forma bastante crítica, conclui que

Dizemos frequentemente que no inconsciente é a bissexualidade que reina, como são testemunhos todos os mitos de todas as culturas e que a psicanálise oscila entre reconhecer o desdobramento dos mitos individuais da bissexualidade do qual vivem todos(as) os(as) neuróticos(as) e esperar que a transferência, os colocando em dia, permita que façam o luto. Eu espero ter demonstrado antes que o conceito de bissexualidade não é estável, nem indispensável. A bissexualidade está generalizada como vivência na história da sexualidade e leva à pluralidade necessária de nossas experiências infantis. (MÉNARD, 2014, p. 68)

Propondo-se a pensar a bissexualidade como agrupamento de duas sexualidades, para Costa e Poli (2010), ela se dividiria em duas: uma masculina e uma feminina, o que foi denominado na proposta freudiana de “bissexualidade constitutiva” que faz parte desde o princípio de qualquer psiquismo. Porém, o enfoque do texto se refere à escuta dos adolescentes na clínica explicitando a pulsão enquanto voltada a proposta de uma sexualidade amplificada, não se dirigindo a um objeto específico, mas há uma busca constante por objetos que supram uma falta simbólica. Além disso, ressalta-se que o masculino e o feminino fazem referência ao ativo e passivo.

Nesse interím, demonstra-se a partir dos teóricos psicanalíticos trazidos a semelhança em conceber a bissexualidade como fator presente no desenvolvimento humano, principalmente no que se refere a infância. Tendo como base esse ponto de convergência, as teorias enfocam de forma diferente visões sobre a bissexualidade: algumas a vêem como ambiguidade quando levadas para a fase adulta, como fator sexual que deve ser recalcado, outras como aspecto que une masculino-feminino presentes no psiquismo.

Viés pós-estruturalista e teoria *queer*

Se apropriando de estudos sobre a perversão e da teoria *queer*, Flores (2015) também se debruçou sobre o polimorfismo, ou seja, sobre as várias formas que podem assumir a sexualidade humana. Em seu texto, retrata que “a ‘bissexualidade’ significa a possibilidade de escolha, dada a todo ser falante, entre um devir masculino ou um devir feminino.” (p.123). Em similitude a essa visão, complementa-se que o psicanalista não freudiano, Winnicott (1971/1975, p.109) citado por Vannucchi (2009) discorre sobre a bissexualidade como envolta em um papel social de integração sobre o masculino-feminino, apresentando o poder de

criatividade humana e salientando o “viver criativo” como configurações entre masculinidades e feminilidades.

Demonstrando um prisma pós-estruturalista e retratando uma posição crítica sobre as dicotomias contemporâneas, Judith Butler (2009, p.101) aponta a eminência de uma orientação sexual para além do heterossexual ou homossexual e de como a bissexualidade não é simplesmente a combinação trivial de comportamentos héteros e homos, e a afetividade ligada aos dois sexos mas a formação de algo novo, salientando que “a bissexualidade não pode ser reduzível a dois desejos heterossexuais, quer compreendido como um lado feminino desejando um objeto masculino, quer como um lado masculino desejando um objeto feminino”.

Para Camila Dias Cavalcanti (2010) essa identidade é legítima, visto as diversas dimensões que a sexualidade tem a manifestar. Salienta principalmente que as práticas bissexuais revelam a impossibilidade de tratar a sexualidade como única e fixa, mas que também com que os indivíduos acabam sendo marginalizados, em razão de uma lógica formada por um eroticismo binário com dois pólos bem definidos, a heterossexualidade e a homossexualidade. Partindo desse pressuposto, “sair do armário” para o bissexual é mais complicado do que o imaginado, visto que acabam recebendo críticas das duas orientações sexuais, isto é, tanto de heterossexuais quanto de homossexuais. Discutir sobre a bissexualidade seria ousar problematizar o que é tido como natural, questionar as classificações e categorias, entre outras formas de controle social impostas ao controle da sexualidade dos indivíduos. Aponta que

A bissexualidade vem marcada por aspectos negativos que, de modo geral, contribuem para que ela permaneça ‘submersa’, quando se fala em identidade, orientação e práticas não-heteronormativas. É comum tratar os bissexuais com suspeita e ouvir piadinhas a respeito da sua orientação, como indecisos, promíscuos, falta de caráter, homossexuais não assumidos, e outras categorias que marginalizam ainda mais essa situação. (CAVALCANTI, 2010, p.79)

Em concordância com isso, Elizabeth Sara Lewis (2008) retrata a marginalização discursiva dos bissexuais nos movimentos sociais. Apesar de teoricamente constituintes da sigla LGBT através da letra “B”, essas performances identitárias são substancialmente pouco aceitas pelos movimentos LGBT, tomadas pelo descrédito e discriminadas por não se enquadrarem na binaridade heterossexual/homossexual. Realizando seu trabalho de campo etnográfico no Grupo Arco-Íris (GAI), procedeu a partir de entrevistas com mulheres que se declararam como bissexuais. Analisando o que as três entrevistadas mencionaram, salienta-se que

“os estereótipos e preconceitos mencionados pelas agentes durante as entrevistas geralmente entram em duas categorias: o apagamento da bissexualidade e a supersexualização” (p.6).

O apagamento da bissexualidade ocorre quando há persistência em categorizar as pessoas como heterossexuais ou heterossexuais, no momento em que a bissexualidade é percebida apenas como uma fase, e também quando se é totalmente negada a sua existência. A hiperssexualização discursiva desses indivíduos que se declaram como bissexuais é criada a partir da construção de esteriótipos que constroem sobre tais, características bem definidas como a necessidade de manter relacionamentos poliamorosos, a promiscuidade e a infidelidade (LEWIS, 2008).

Em uma pesquisa feita por Risson e Migott (1996) percebe-se como essas rotulações são realmente predominantes. O estudo descreve que “por trás da definição de bissexualidade, oculta-se um homem homossexualizado, com dificuldades de se haver com ele, com a sociedade e com a família.” (p.22). Aponta ainda que o casamento heterossexual é utilizado como forma de receber aceitação dos grupos sociais, priorizando a heterossexualidade e mantendo a homossexualidade sobre repressão.

Para Pamplona e Dinis (2013), um dos vídeos educativos que faz parte do kit-homofobia intitulado “Probabilidade” retrata a bissexualidade, se propondo ao combate da homofobia nas escolas. O nome do vídeo se refere ao universo matemático e a lógica, pois a probabilidade que o protagonista, Leonardo, possui de encontrar um companheiro ou companheiro é duplicada, uma vez que o bissexual tem mais oportunidades de construir um relacionamento amoroso do que heterossexuais e homossexuais. Ainda nesses autores, discute-se que os discursos conglomerados a respeito do identitário bi perpassam vastas ideias. Vejamos:

Afirmar-se bissexual é em certa medida se situar ou declarar um pertencimento ao universo das homossexualidades, é caracterizar como lésbica ou homossexual/gay, em especial diante da visão heterossexista. Mas, por outro lado, é não se situar, por completo, no universo homossexual, uma vez que essa pessoa estabelece relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo e com pessoas do sexo oposto, o que caracteriza na visão de muitos homossexuais um motivo de discriminação e até mesmo de repúdio, fundamentos no argumento de que esses se “escondem no armário”, são *bichas ou sapatões enrustidos*. O que caracteriza numericamente também – tomando de empréstimo o discurso matemático do vídeo – possibilidades de duplo, ou cinquenta por cento a mais de preconceito, sofrido tanto por homossexuais como por heterossexuais (p.103)

Após o achado do estudo da bissexualidade no sistema educacional, encontramos também uma análise sobre a inserção das personagens homo/lesbo/bi/transexuais nas obras

cinematográficas. Percebe-se que do mesmo modo que os bissexuais são enxergados na realidade concreta, são expostos nas ficções. Assim, retrata dois filmes que trazem a bissexualidade feminina. O primeiro se refere ao filme francês “Emmanuelle”, que nos mostra a bissexualidade como estilo de vida contemporâneo, uma identidade futurista que representa liberdade. Essa personagem é casada, mas mantém relações extraconjugais com outras mulheres e mostra uma sensualidade feminina exacerbada. O segundo estudo cinematográfico retrata o filme “Instinto selvagem”, em que também há um apelo ao sensual e a promiscuidade. (ROCHA; SANTOS, 2014)

Consonante a Lewis (2008), a desfragmentação da oposição entre os dois grandes eixos, homo/hetero e masculino/feminino, é bastante intrigante porque nos autoriza a imaginar modos extraordinários e alternativos de se pensar e se viver, negando o viés de seres humanos estáticos para compreender novas formas de viver e amar. De modo geral, todas as categorias de sexualidade utilizadas atualmente são superficiais e inadequadas, pois reduzem a sexualidade a classificações simplórias. A contestação primordial da Teoria *Queer* é demonstrar que a heterossexualidade é tida como natural e as outras formas de identidade sexual são queerificadas, ou seja, tidas como estranhas perante a sociedade patriarcalista e conservadora, a melhor resolução para esses estudos seria negar a catalogação dos seres, remetendo-os a fluidez do desejo e da identificação.

A partir do exposto, foram percebidas uma ampla diversidade de visões sobre a bissexualidade. Constatou-se que como formulação sociocultural, as tendências bissexuais foram sendo construídas a partir de relações históricas e simbólicas, privilegiando históricas greco-romanas e contemporâneas, sendo que alguns estereótipos perpetuam como assemelhar bissexuais a pessoas que frequentemente tem condutas promíscuas e são infiéis, não dignos de confiança. Observou-se também que grande parte dos artigos científicos procurou elucidar o tema em questão a partir dos vieses: psicanalíticos, socioepidemiológicos e filosóficos pós-estruturalistas.

A pesquisa em questão constatou divergentes visões do que vem a se entender como bissexualidade, tendo a preocupação de buscar compreender como o bissexual é explicitado em cada um dos textos. Entendendo o processo histórico de construção das identidades bi, refletiu-se como essa identidade é vista socialmente, destacando-se os discursos cristalizados que acarretam sofrimento ético-político aos bissexuais frente à invisibilidade e ao desamparo ambivalente formado pelo descaso frente à heteronormatividade e a homonormatividade.

Considerações Finais

Acentua-se o sofrimento psíquico que os bissexuais experenciam quando suas práticas não são legitimadas, nem mesmo nos movimentos sociais que em tese lutariam pela equidade, conquista de direitos e conseqüentemente pela autonomia de todas as orientações sexuais não heterossexuais. De forma geral, a sociedade percebe a bissexualidade como uma fase, indecisão, recusa a exposição da homossexualidade, reafirmando a heteronormatividade que compulsoriamente impõe uma única forma de expressão da sexualidade. Todas essas situações trazem discursos que ridicularizam sujeitos, os expropriando da capacidade de se relacionar afetivo e sexualmente de forma livre e tornando inválida a sua identidade, o seu modo de ser no mundo.

Notória também foi a grande dificuldade de encontrar produções acadêmicas que abordassem o tema, muitas vezes a bissexualidade era trazida pela letra “B” nos títulos de muitos artigos científicos, mas a composição do texto não contemplava tal orientação. Percebeu-se que muitas vezes ela é colocada apenas como complemento da sigla LGBTT, onde gays e lésbicas foram e são protagonistas, travestis e transexuais ocupam o lugar de coadjuvantes e bissexuais de meros figurantes. Essa metáfora também se aplica a realidade concreta, ao cotidiano e aos modos de vida do paradigma sexual contemporâneo.

Contribuir para descobrir o véu que oculta a bissexualidade através dessa pesquisa, tornando-a inacreditável e muitas vezes, invisível tanto academicamente quanto nas relações sociais cotidianas é imprescindível. Cartografar as produções científicas existentes sobre o tema, e formular novas compreensões sobre esse, fomentando novas discussões é essencial para a continuidade do fazer científico e para a afirmação do compromisso social com a busca de direitos bissexuais.

Compreende-se que as relações bissexuais inquietam as pessoas por não serem facilmente explicadas, elucidadas, apresentando até mesmo um caráter misterioso e verídico, mas é necessário que ela inquiete ainda mais as pessoas, que a ignorância no que se refere à falta de conhecimento sobre essa orientação sexual seja transformada em interesse por entender a subjetividade de um grupo, para assim, as bissexuais e os bissexuais consigam ser reconhecidos e reconhecidos e legitimados. Aceitar e enxergar indivíduos que não se submetem a identidades cristalizadas, também é perceber que nenhuma identidade sexual é fixa, que todas as formas de ser no mundo são modificadas dia após dia, e os seres humanos possuem a fluidez como direção para exprimir de modos infinitamente diferentes temores, afetos e desejos.

Referências

- BUTLER, J. Dediagnosticando o gênero. **Physys**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 95-126, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 119 p.
- CAVALCANTI, D. C. **Práticas bissexuais**: uma nova identidade ou uma nova indiferença? *Polêm!ca*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 79-83, 2010.
- CAVALCANTI, C.D. **Visíveis e indivisíveis**: práticas e identidade bissexual. 2007. 112 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M. R.; RENTERÍA, J. M.; GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.
- CORINO, L. C. P. Homoerotismo na Grécia Antiga: homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, n. 19, p. 19-24, 2006
- COSTA, A; POLI, M.C. Sexuação na adolescência: um ato performativo. **Psicologia Política**, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 141-150, 2010
- DELOUYA, D. A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. **Ágora**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 205-214, 2003.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v.23, n.79, p. 257-272, 2002.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, 405 p.
- FLORES, V. M. P. A perversão e a teoria queer. **Tempo psicanal**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 131-148, 2010 .
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- HAUNDESCHILD, T. R. L. Escuta analítica da bissexualidade psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 75-84, 2008.
- LAURENTIS, T. A tecnologia do gênero. IN: HOLANDA, H.B (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEWIS, E. S. **“Eu quero meu direito como bissexual”**: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e as propostas para fomentar a sua aceitação. III SIDIS, Fortaleza, p. 1-22, 2008.
- LOURO, G. L. **O corpo educado**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 127 p.

MÉNARD, M. D. Bissexualidade: deve-se dizer bissexualidade ou contingência na sexuação? **Reverso**, Belo Horizonte, v.36, n. 67, p. 61-70, 2014.

MEYER, D. A. Emergência do Gênero. IN: LOURO, G. L. (Org.). **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, M.; SILVA, S. Ambiguidade e bissexualidade: desdobramentos na recusa do campo transferencial e do pensamento. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 81, p. 175-186, 2011.

MORIGI, V. J. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-compós**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2004.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PAMPLONA, R. S.; DINIS, N. F. Possibilidades: discursos produzidos sobre a bissexualidade. **Comunicações**, Piracicaba, v.20, n. 2, p. 97-112, 2013.

PAVONI, M.S. Aspectos e significados de psicólogas e psicólogos frente às questões da bissexualidade. **Unisaesiano**, Lins, v. 5, n. 10, p. 105-120, 2014.

RISSON, N. M.; MIGOTT, A. B. B. A visão da bissexualidade pelo bissexual. **Revista Fórum**, Passo Fundo, v. 8, n.19, p. 19-23, 1996

ROCHA, C. C. S.; SANTOS, D. P. Estranhos familiares: a inserção das personagens homo/lesbo/bi/transsexuais no cinema. **Periódicus**, Bahia, p. 1-16, 2014.

VANNUCCHI, A. M. S. Masculino e feminino: vicissitudes e mistérios. **Jornal da Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 77, p. 65-88, 2009.

ZAGO, L. F. SANTOS, L. H. S. Os limites do conceito de empoderamento: a prevenção do HIV/AIDS entre jovens gays e bissexuais no Brasil. **Physys**, Santa Catarina, v. 23, n.3, p. 681-701, 2013.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Isaura Caroline Abrantes; LEITE JÚNIOR, Francisco Francinete. A Bissexualidade Como Incógnita e Fragmentação Normativa Ligada a Dicotomia Hétero/Homo: Cartografando Produções em Ciências Humanas e Sociais. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 861-879. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 14/07/2020;

Aceito: 22/07/2020.